



LIÇÃO 13

A GRAÇA DE DEUS¹

A graça divina é o soberano e salvador favor de Deus exercido na dádiva de bênçãos a pessoas que não têm em si mérito nenhum, e pelas quais não se exige delas nenhuma compensação. Não, é mais que isso; é o favor de Deus demonstrado a pessoas que não só não possuem merecimentos próprios, mas são totalmente merecedoras do inferno. É completamente imerecida, não é procurada de modo nenhum e não é atraída por nada que haja nos objetos aos quais é dada, nem por nada que deles provenha.

A mais completa exposição da maravilhosa graça de Deus acha-se nas epístolas de Paulo. Em seus escritos, “graça” está em direta oposição a obras e merecimento, a todas as obras e todo merecimento, de qualquer espécie ou grau. Veja Rm 4:4-5; 11:6 e Ef 2:8-9.

São três às principais características da graça divina: primeira, é eterna. A graça foi planejada antes de ser exercida, e fez parte do propósito divino antes de ser infundida (2 Tm 1:9). Segunda, é livre, ou gratuita, pois ninguém a pôde comprar jamais (Rm 3:24). Terceira, é soberana, porque Deus a exerce em favor daqueles a quem Lhe apraz, e a estes a concede (Rm 5:21).

Exatamente porque a graça é um favor imerecido, exerce-se necessariamente de maneira soberana (Ex 33:19). Se Deus mostrasse graça a todos os descendentes de Adão, os homens logo concluiriam que Ele, sendo justo, estava compelido a levá-los para o céu como uma razoável compensação por ter deixado a raça humana cair em pecado. Mas o grande Deus não está sob nenhuma obrigação para com nenhuma de Suas criaturas, menos ainda para com os que são rebeldes contra Ele.

A vida eterna é um dom e, portanto, não pode ser obtida pelas boas obras, nem reivindicada como um direito. Vendo que a salvação é um “dom”, quem tem direito de dizer a Deus a quem Ele deve doá-lo? Se de um mundo impenitente e incrédulo Deus está resolvido a exercer o Seu direito soberano escolhendo um número limitado de pessoas para serem salvas, quem sai prejudicado? Estará Deus compelido a salvar os que estão determinados a seguir o seu próprio caminho?

Nada, porém, enraivece mais o homem natural e mais contribui para trazer à tona a sua inveterada inimizade contra Deus, do que insistir com ele sobre a eternidade, a gratuidade e a absoluta soberania da graça divina. Dizer que Deus formou Seu propósito desde a eternidade, sem nenhuma consulta à criatura, é muito humilhante para o coração não quebrantado. Dizer que a graça não pode ser adquirida ou conquistada pelos esforços do homem, esvazia demais o ego dos que confiam em sua justiça própria. E

o fato de que a graça separa os que ela quer para serem objeto do seu favor, provoca acalorados protestos dos rebeldes arrogantes. O barro se levanta contra o Oleiro e pergunta: "Por que me fizeste assim?". Um rebelde infrator da lei atreve-se a questionar a justiça da soberania divina. Foi a distintiva graça de Deus que separou Abraão dentre os seus vizinhos idólatras e fez dele "o amigo de Deus". Foi a distintiva graça que salvou publicanos e pecadores, mas disse acerca dos fariseus: Deixai-os (Mt 15:14). Em parte nenhuma a glória da livre e soberana graça de Deus fulge mais conspicuamente do que na indignidade e diversidade dos que a recebem.

Agora, a graça de Deus se manifesta no Senhor Jesus Cristo, por Ele e através dEle: Jo 1:17. Isto não significa que Deus nunca exercera Sua graça em favor de alguém antes da encarnação do Filho; Gn 6:8; Ex 33:19 etc. mostram que isso não é o caso. Mas a graça e a verdade foram plenamente reveladas quando o Redentor veio a esta terra e morreu na cruz por Seu povo. É somente através de Cristo, o Mediador, que a graça de Deus flui para os Seus eleitos (Rm 5:15, 17, 21).

A graça de Deus é proclamada no evangelho (At 20:24), o qual é para o judeu confiante em sua justiça própria um escândalo e para o grego presunçoso e filósofo loucura. Por quê? Porque não há nada no evangelho que se preste para gratificar o orgulho do homem. Ele anuncia que se não formos salvos pela graça, não seremos salvos de modo nenhum. Ele declara que, fora de Cristo, o Dom inefável da graça de Deus, o estado de todos é desesperador, irremediável, sem esperança. O evangelho trata os homens como criminosos culpados, condenados e mortos. Declara que o moralista mais puro está na mesma condição terrível em que se acha o libertino mais voluptuoso; que o religioso zeloso, com todas as suas práticas religiosas, não é melhor do que o mais profano infiel.

Todos permanecem diante de Deus como transgressores da Sua santa lei, criminosos culpados e condenados, não à espera da sentença, mas esperando a execução da sentença já passada sobre eles (Jo 3:18; Rm 3:19). Queixar-se da parcialidade da graça é suicídio. Se o pecador insiste em que se lhe faça a pura justiça, então o lago de fogo terá que ser seu quinhão eterno. Sua única esperança está em lançar-se à misericórdia de Deus, e estender mãos vazias para servir-se da graça de Deus manifestada no evangelho.

O Espírito Santo é o comunicador da graça, pelo que é denominado "o Espírito de graça" (Zc 12:10). Deus, o Pai, é a fonte de toda graça, pois Ele em Si mesmo determinou a aliança eterna da redenção. Deus, o Filho, é o único canal da graça. O evangelho é o divulgador da graça. O Espírito é o doador. Ele aplica o evangelho com poder salvador à alma vivificando o eleito enquanto ainda morto, dominando sua vontade rebelde, amolecendo seu duro coração, abrindo os olhos da sua cegueira, limpando-o da lepra do pecado.

ⁱ Fonte: PINK, A. W. *Os Atributos de Deus* (Editora Pes).